

MUDANÇA NA ECONOMIA

Não há espaço para mágica na economia, avisa Lula

A oposição, indicou que vai comparar resultados obtidos pelo governo atual e o anterior

DANIEL PEREIRA
BRASILIA

Um dia depois de demitir o último homem-forte que lhe servia de apoio e proteção, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva aproveitou a cerimônia de transferência de comando do Ministério da Fazenda para mandar recados. Ao mercado, que ontem reagiu mal aos desdobramentos da demissão de Antonio Palocci, reafirmou que a política econômica não muda e que não há espaço para mágica na área. À oposição, deixou claro que, para vencer as eleições, apostará na comparação dos resultados obtidos pelo governo atual e o anterior.

Em relação a Palocci, que foi aplaudido ao ser anunciado, o presidente foi ambíguo. Elogiou o desempenho do ex-ministro na condução da economia e disse tê-lo como um "eterno companheiro". Afirmou, no entanto, esperar que sirva de "lição" a Palocci o episódio responsável por sua queda. "Não confundo a minha relação política com a minha relação pessoal", declarou Lula.

Desde a semana passada, o presidente estava disposto a manter o petista na chefia da Fazenda, mesmo que tivesse mentido à CPI dos Bingos e visitado a chamada "República de Ribeira

Preto". O depoimento do ex-presidente da Caixa Jorge Mattoso à Polícia Federal, no qual ele afirmou ter repassado a Palocci o extrato bancário do caseiro Francenildo dos Santos Costa, tornou a demissão inevitável.

"Guardo profundo respeito às pessoas e às leis", disse ontem o ex-ministro, que na segunda-feira entregou carta ao presidente negando ter participado da violação do sigilo do caseiro e da divulgação das informações obtidas de forma ilegal.



Presidente Lula

Palocci repetiu ainda a tese da perseguição política. Depois de fazer referência à "oposição feroz", considerou-se ingênuo por acreditar na possibilidade de convivência harmoniosa entre pessoas que pensam de forma diferente. Apesar do "círculo infernal das suspeições e do prejulgamento", declarou que deixa o governo sem "mágoa nem ódio no coração". "Hoje, o Brasil é muito melhor do que há três anos. Saio feliz pelo dever cumprido, por ter deixado uma contribuição, singela que seja, para a melhoria da vida de milhões de pessoas pobres, cuja mesa, hoje, é mais farta do que antes", declarou Antonio Palocci.

Lula também ecoou a teoria da perseguição política. Afirmou que a oposição desconfiava da capacidade de Palocci de comandar a economia. Com os resultados positivos obtidos, o ex-

ministro teria arranjado inimigos. "Palocci pode não ter sido o melhor ministro da Fazenda da história, mas ele tem motivos para se orgulhar da situação econômica do país", disse.

Em discurso improvisado, Lula citou dados da economia, como a geração de empregos formais e os recordes sucessivos na balança comercial, para em seguida repetir o mantra petista a ser entoado na campanha eleitoral. "Nós, certamente, entregaremos ao povo brasileiro um Brasil infinitamente melhor do que recebemos", declarou Lula.

Depois dos elogios a Palocci, o presidente pediu ao novo ministro da Fazenda, Guido Mantega, que tenha ainda mais sucesso que o antecessor. Sem lançar mão de mágica na condução da política econômica. Afinado com o discurso eleitoral, Mantega disse que recebeu de Palocci "um ministério, uma economia e um país" melhor do que herdado, da gestão tucana, pelo antecessor. "Continuo avesso às aventuras e ao entusiasmo infantil", disse Mantega.

A cerimônia durou cerca de trinta minutos. Marcada pela falta de entusiasmo e até mesmo um certo constrangimento dos presentes, teve entre os poucos pontos altos o encerramento do discurso do presidente Lula, com mais um afago a Palocci. "Nem todo irmão da gente é um grande companheiro, mas um bom companheiro é um grande irmão. Eu posso lhe dizer, Palocci, independentemente do momento que estamos vivendo, que a nossa relação é companheiro".